Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



LUCILLE BALL, a insinuante artista da RKO, vai contracenar com CHARLES LAUGHTON em «TRÊS MAGANÕES»

2.ª SÉRIE — N.º 40 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 11 DE AGOSTO DE 1941 — PREÇO: 1$50



Filmar um plano é um nada para os profanos. Mas para os actores, para a Graça Maria...

— Olhe que a mão esquerda não é aí. Não se esqueça de virar pelo lado esquerdo por causa da ligação com o outro plano — diz o Esteves cumpridor das suas funções de anotador.

— E não se incline muito para a frente porque isto é uma 75 e fica desfocada, recomenda o Queiroga, assistente de imagem. Entretanto o Alves cabeleireiro, dá os últimos toques no penteado que já dura há alguns quartos de hora. E as mãos hábeis do Villar acabam a caracterização que começaram uma hora antes. E o César de Sá, operador de imagem, não se cança de avisar:

— Não baixe a cabeça porque foge da luz, fica com umas sombras horríveis e não podemos filmar.

A voz de trovão do alto-falante do estúdio fez-se ouvir: é o Sousa Santos operador de som que pede:

— É favor falar no tom de voz com que ensaiou e evitar as sibilantes do final da segunda frase.

E já está tudo tão complicado, já tudo exigiu tanta concentração e tanta actividadedade de todos... e ainda o plano não se filmou.

A primeira fita foi a primeira prova — a prova dos noves de Graça Maria. «O Pai Tirano» vai ser a sua segunda prova — verdadeira prova real duma vedeta.

S. L.

A PROVA DA GRACINHA

Nos tempos em que Graça Maria era ainda Maria da Graça, o papel de «Pôrto de Abrigo», sua fulgurante estreia — foi uma verdadeira prova dos nove de uma actriz de Cinema. Já com o seu nome bonito e inconfundível de Graça Maria, antes de começar a trabalhar em «Pai Tirano» a graciosa vedeta teve que filmar novas provas, pois António Vilar caracterizou-a de maneira diferente e César de Sá quis estudar a iluminação de Graça Maria com todos os cuidados que a sua beleza requere e merece.

Um dia saíu Graça Maria de casa cheia daquela paciência profissional característca e imprescindível que reveste os actores de Cinema para voltar de novo, depois de alguns meses de intervalo ao ambiente do trabalho de estúdio. Tudo estava «mobilizado» para a receber e para pensar mil coisas que podiam mas não deviam escapar. Costureira, primeiro; cabeleireiro, depois, a seguir caracterizador, agora os assistentes, logo o iluminador, depois os operadores, de imagem e de som — tudo sob as ordens do realizador, cuidou de Graça Maria.

João Martins, que andava pelo estúdio de máquina preparada para apanhar o primeiro instantâneo do regresso à actividade da «menina querida» do público cinéfilo português, nem procurou nem esperou muito para surpreender agrupados à volta de Graça Maria alguns dos responsáveis pelo êxito duma fita e pela qualidade técnica das fotos e das provas das vedetas.

Porque o público não sabe, mas atrás de cada foto há dezenas de senhores que pensam em centenas de coisas. Cada um dêles vê a Graça Maria de sua maneira. E para a Graça Maria cada um representa uma ideia(às vezes um «pesadêlo») diferente.



2.ª série / N.º 40 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

11 de Agôsto de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O CINEMA E A HISTÓRIA

As autoridades espanholas negaram o "visto„ ao guião de Rafael Sabatini para o filme "Cristóvão Colombo„ que Gabriel Pascal se propunha dirigir

A notícia chega-nos de Espanha e vem de fonte autorizada. Gabriel Pascal, o produtor de «Pigmaleão» e de «Major Bárbara», entrou com o pé esquerdo no país vizinho. As entidades que fiscalizam e orientam o cinema espanhol recusaram o «visto» ao guião que Rafael Sabatini escreveu para o filme «Cristóvão Colombo», que Pascal ia produzir!

O que êste facto representa é fácil avaliar se dissermos que Sabatini, o romancista decerto familiar aos nossos leitores, cobrou pelo seu trabalho a bonita quantia de 100.000 pesetas; se dissermos que, durante dois anos, Pascal estudou a fundo o assunto e fez, por êsse facto, despesas; se dissermos que há contractos feitos com artistas e técnicos; se dissermos ainda que, aqui em Portugal—aqui em Lisboa—estavam a postos os camiões que deviam levar para Espanha o pessoal e o material de filmagem prestes a chegar de Hollywood!

Pois Manuel Augusto Garcia Viñolas, um dos mais jovens e dos mais pujantes valores da Espanha moderna, 28 anos corados de cabelos brancos, olhos profundos e serenos, chefe do Departamento Nacional de Cinema, mandou suspender o projecto de Gabriel Pascal. O sonho dourado do produtor das obras de Benard Shaw dissipou-se num segundo. O argumento terá de ser refeito. Garcia Viñolas (daqui lhe apertamos, sinceramente, a mão que assinou o veto) censura ao actor do guião, ausência de verdade histórica ou deformação dessa mesma verdade.

Era, de facto, tempo da Europa bater o pé, em matéria cinematográfica, à América deturpadora da nossa história e do nosso passado.

A Espanha, talvez a principal lesada, até hoje, foi também a primeira a cancelar êste estado de coisas.

Hollywood é um prisma deformador. A Europa, vista por ela, fica irreconhecível. A própria América do Sul sente-se, muitas vezes, pouco satisfeita com a Meca do Cinema. Recentemente, um filme saído da mirífica Los Angeles foi proïbido na Argentina, cujo govêrno intimou os produtores a destruirem o negativo.

Os leitores lembram-se (por terem lido) dum certo filme de Marlene Dietrich cuja acção se desenrolava em Espanha? Pois êsse também teve de ser destruído, tão fiel estava a reconstituïção (?) feita em Hollywood.

E nós, portugueses, estamos também ameaçados de ser arrastados na onda, com um filme cuja acção se desenrola, em parte, na capital portuguesa. «Animatógrafo» já se lhe referiu, pela pena do seu correspondente na América.

A França, por seu turno, tem sido uma vítima constante. De vez em quando, a Imprensa protesta, os tribunais reúnem-se...

Mas Hollywood não tem emenda.

«Cristóvão Colombo» é a prova mais recente desta asserção.

Rafael Sabatini, romancista decerto bem conhecido dos nossos leitores, é o autor de «Capitão Blood», que a Warner Bros adaptou, há anos, à tela com Errol Flynn no protagonista.

Os seus livros, de aventuras, têm fama e popularidade pela acção que lhes imprime e pelo movimento que lhes dá. Mas são sempre livros de aventuras, com assaltos, tiros, duelos, abordagens, ilhas desertas e flibusteiros de má catadura. Qual dos leitores não conhece «Capitão Blood», «A Volta do Capitão Blood», «Amor em armas», «Caçadores de herejes», «Fazedor de reis», «O príncipe romântico» ou «A justiça do duque». «A porta dos condenados» ou «Mignon»?

Rafael Sabatini, talvez por estar familiarizado com as épocas que descreve, foi convidado por Gabriel Pascal para desenhar uma figura histórica.

Nos dias de hoje, as biografias de figuras célebres, que outrora levavam anos a investigar, redigem-se em três meses. Esta ligeireza deforma, sem dúvida, a verdade. «Cristóvão Colômbo» constitui exemplo flagrante de que a ligeireza é contraproducente.

As 100.000 pesetas pagas a Sabatini foram mal ganhas. Mas parece-nos justo que os produtores de filmes expiem as suas próprias culpas, não brincando com o que é sério e merece respeito. Que se entretenham a deformar a novíssima história da América. Porque o não fazem? Talvez o público então nos compreendesse e sentisse a justeza das nossas palavras.

Censuramos também Sabatini se não teve o escrúpulo e o saber suficientes para fazer obra honesta. E lamentamos ter de falar dêste modo acêrca de Sabatini — que nos pode ler na língua original — principalmente porque alguns laços de amizade o ligam a Portugal.

Rafael Sabatini, escritor mundialmente célebre e que ganha o que quere, viveu no nosso país, na cidade do Pôrto, onde trabalhou muito e decerto ganhou pouco. Não teve sorte entre nós e, um dia, vencido pelo nosso meio, meteu-se num barco e abalou. Deixou por cá alguns amigos com quem ainda há poucos anos se correspondia. Só mais tarde se soube que o Sabatini, autor do «Capitão Blood», era o empregado do comércio que às tardes aparecia na Avenida dos Aliados e passeava, no verão, na ponte de D. Luiz...

Agora, é refazer o que estava dado por concluído.

A equipa de Gabriel Pascal recebeu ordem de destroçar. Já não veremos aqui o pessoal da United Artists, nem o operador Fred Young (de «Adeus, mister Chips»), nem Eugénio Schufftan (o operador de «Metrópolis» e «Três Valsas», que foi há pouco nosso hóspede).

A Alhambra de Granada continuará à espera de ser filmada sob as ordens de Pascal; a mesquita de Córdova não verá figuras históricas que lhe foram familiares... Na baía de Palos não flutuarão as caravelas das descobertas...

Vivien Leigh e Laurence Olivier não virão a Espanha.

Bernard Shaw não escreverá diálogos para o filme...

E Garcia Viñolas faz muito bem em querer respeitada a verdade histórica e o decôro pelo passado da sua pátria.

M.

CHIANCA DE GARCIA vai filmar «A Portuguesinha»



No Rio de Janeiro, foram agora assinados os primeiros contratos para o filme «A Portuguesinha», que Chianca de Garcia vai dirigir.

Além de Beatriz Costa, vedeta daquela produção, e que está de cama por ter torcido um pé, vemos, nesta fotografia, da esquerda para a direita: Roeder, gerente da «Aliança», Ademar Gonzaga, director Geral da «Cinédia»; Chianca de Garcia e Leo Marten, chefe de produção do filme.

Os trabalhos de filmagem começam logo que Beatriz Costa esteja restabelecida.

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

COIMBRA FOTOGÉNICA

por **Acácio Leitão**

Coimbra dos estudantes começa todos os anos, depois do intervalo das férias grandes, nos primeiros dias de Outubro, com a chegada dos *caloiros*, e dos *veteranos*, o regresso da Academia, a reabertura da Universidade.

Durante as férias, uma parte da população mudou-se para a Figueira da Foz, onde podemos ir matar certa nostalgia coimbrã, encontrando ali o nosso antigo engraxador que nos *recorda* as mais verosímeis histórias da nossa mocidade, a nossa *servente*, que nos aparece como criada, no hotel ou pensão em que nos hospedámos, o barbeiro, o cocheiro e o *chauffeur*, a sucursal da loja de modas.

Nas ruas, na praia, no Casino, andam muitos dos burgueses de Coimbra, e alguns lentes, e senhoras, e até académicos que não foram a férias, para se prepararem para *actos* em Outubro, e afinal acabam por as passarem, também, ali.

Mas, nos últimos dias de Setembro, todos vão regressando à velha cidade universitária, para receberem os estudantes, de novo nos seus lugares, nas suas ocupações, nos seus hábitos.

Entretanto, chegam à Estação Velha os combóios alegres, cheios de gente moça, que alegremente se agita, se espande, se abraça, se procura, e toma o *tramway* para a Estação Nova, atravessando o Choupal, de legendárias e líricas evocações, e já se divide e espalha, subindo pelas ruas que terminam na Alta, como num enorme *presépio*, desenhado no fundo cinzento dum céu outoniço.

Entro em Coimbra com essa mocidade, estouvada, palradora, graciosa, enfusiante.

Acompanho o meu *caloiro*, um *caloiro* qualquer, que vem de qualquer canto de Portugal, da sua família, mais ou menos burguesa, do seu liceu na cidade da província, com o espírito, com a imaginação a sonhar a vida de estudante, num sonho que só acaba na formatura, porque tôda a vida académica, em Coimbra, largamente se passa na fantasia, na quimera, na doce alucinação.

O meu *caloiro* vai para uma *república* em que se reúnem, com alguns rapazes da sua terra, ou seus vizinhos, outros que vieram doutras províncias, que a camaradagem das aulas ou da *estúrdia* aproximou e afeiçoou e que serão amigos para sempre, para a vida e para a morte.

Certas *repúblicas* de estudantes de Coimbra são como resumos da Nação.



Ali se encontram o transmontano com o algarvio, o açoreano com o minhoto, o beirão com o madeirense, o estremenho com o alentejano, e até, divagando pelo Império o africano, de Cabo Verde, de Angola, de Moçambique, e o índio, e o macaista...

E são estudantes de tôdas as faculdades, das mais diferentes *matérias*, das mais variadas *disciplinas*.

Por isso essas *repúblicas* são como pequenas enciclopédias de costumes e de ciências, que se vão *folheando* e conhecendo às horas de almôço e de jantar, na intimidade das longas conversas, de quarto em quarto, e nos passeios de tardinha, ou nas noites de ceia e de festa, que não deixam de acabar pelo *torneio* folclórico que a saüdade excitada de cada um daqueles moços, provoca e prolonga.

O meu *caloiro* está agora no seu primeiro dia de Coimbra.

Chegou ontem à noite, bastante moído da viagem, um tanto atordoado com as emoções da despedida da família e com uma ou duas noites perdidas, no alvorôço de querer ver passarem depressa os dias que faltavam para a sua vida nova, no ambiente que entrevia nas recomendações descritivas que lhe ia fazendo o irmão mais velho, o tio, ou o próprio pai, bacharel.

Dormiu profundamente, mas acordou muito cedo, logo se levantou, e quando chegou a hora da primeira aula na Universidade, já tinha ido à Baixa três vezes, por caminhos diferentes, a aprender os nomes das ruas, a procurar encontros com figuras populares, conhecidas de tradição, a tomar apontamentos visuais da paisagem e dos monumentos.

Depois, à passagem da Porta Férrea, três ou quatro *pastadas* sem outras conseqüências, fizeram-no, porém, cair na amarga realidade da sua situação de *caloiro*, *caloiro* um ano lectivo inteirinho, sem o direito de ter uma opinião, nem um apetite, nem uma iniciativa, que não seja imediatamente contrariada, impedida, troçada.

Na aula, o professor, parece-lhe também não tomar os *caloiros* muito a sério, e na Via Latina, nos Gerais, julga ver sorrirem os archeiros, o bedel, que passa apressado, as estátuas imóveis.

Ao almôço e ao jantar os companheiros de casa não o largam, contando-lhe aventuras inacreditáveis, confundindo-o com preguntas indiscretas, ridicularizando-o com ironias, às suas tímidas respostas.

Dizem êles que é para ir perdendo o pêlo, mas o pobre caloiro está em suores frios, e agora tem que discursar acêrca dum tema que lhe é fornecido, obrigado a falar de cima duma cadeira, constantemente interrompido pelos ditos, pelas gargalhadas, pela *chacota* do auditório, que lhe corrige os gestos, que lhe aconselha as atitudes,, que lhe emenda as frases.

Finalmente, o meu *caloiro* pode recolher ao seu quarto e ali, fincando os punhos nas fontes, sentado à pequena mesa em que mal caberá a sebenta aberta, chora, chora, com tôdas as saüdades dos seus e da sua casa, de certos mimos e ternuras, da sua terra e dos seus amigos.

Tem, depois, tôda uma noite de pesadelos. É a *troupe* que o apanha à volta do animatógrafo, estando protegido pelo quintanista, seu patrício, mas a *troupe* é de quintanistas e não há protecção.

Dão-lhe umas palmatoadas e cortam-lhe o cabelo.



(Conclui na pág. 10)

PANORÂMICA

Araújo Pereira †

Araújo Pereira, cujos setenta anos tinham sido, nos princípios de Maio último festejados pelos alunos particulares do mestre, numa sessão efectuada no Sindicato Nacional dos Músicos, faleceu a semana passada.

O seu nome fica ligado às melhores páginas da história do teatro português. Fundou o Teatro Livre no nosso país, nos moldes da tentativa de Antoine. Ensaiador notável e sabedor, encenou inúmeras peças do repertório de Alves da Cunha e de Adelina Abranches. Foi professor do Conservatório desde 1927. O seu nome fica também ligado ao cinema. Decerto os leitores se recordam de o ter visto, na curiosa interpretação do intendente Pina Manique, no filme «Bocage».

Araújo Pereira era pai de Roberto de Araújo Pereira, cenógrafo e pintor, autor dos cenários de «O Pai Tirano»; de D. Maria Manuela Araújo Pereira Campos, casada com o actor Luiz de Campos, e genro da artista D. Manuela Pôrto.

A família enlutada, e principalmente às entidades acima referidas, apresenta «Animatógrafo» a sentida expressão do seu pezar.

Uma acção judicial

Por determinação do juiz do primeiro juízo criminal de Lisboa, foram apreendidas as máquinas com que António Machado estava a fazer legendas químicas em filmes — por se ter verificado tratar-se dum processo fraudulento. O sistema de impressão, que é exclusivo dos laboratórios de Aquilino Mendes, estava a ser empregado abusivamente por aquêle senhor. Verificado judicialmente tratar-se dum caso de roubo de patente (o que, no capítulo de cinema, é inédito no nosso país), foram seladas por ordem superior, as máquinas utilizadas por António Machado, e que eram um decalque fiel das que existiam nos laboratórios de Aquilino Mendes.

Intervieram como peritos no exame das máquinas os senhores major Joaquim Estrêla Theriaga, chefe dos serviços cinematográficos do exército, e tenente José António Vasco Mascarenhas Júnior.

O processo vai seguir os trâmites legais.

Baptismo de fôgo...

Zéca Fernandes, que o público conhece dos palcos de revista e de comédia, foi uma das candidatas ao concurso da Tobis, quando se preparava a «Canção de Lisboa». Não teve, então, oportunidade de filmar, mas agora pôde satisfazer finalmente as suas ambições ainda que num papel episódico, no «Pai Tirano».

Num intervalo de filmagem abeirámo-nos dela e preguntámos-lhe:

— Então que tal? Está contente?

— Estou contente. Mas...

— Mas o quê?

— Mas — respondeu-nos ela a abanar-se — eu julgava que o cinema era um céu aberto... Afinal de contas é um inferno!...

Tem razão. O calor no «plateau» é, às vezes, tão grande que chega a amolecer os desejos mais intensos de fazer cinema.

Robert Montgomery

Os jornais noticiaram há dias que Robert Montgomery abandonou o cinema para ingressar na carreira militar, servindo na Marinha, como ajudante do adido naval em Londres. Já se encontra na capital inglesa disposto a cumprir, fielmente, o seu dever, esquecido da fama e dos milhões de dólares que o cinema lhe dava.

O facto reveste significado especial. Hoje, mais do que nunca, consideram-se mortos os homens sem pensamento nem vontade, mais ou menos adormecidos numa cómoda, mas falsa, tranqüilidade...

Rectificação

«É a gralha aquêle monstro...»

E dela temos sido bem vítimas, vamos lá!

Além doutras, cuja rectificação deixamos à inteligência do leitor, uma houve que exige uma chamada especial. Na página central, há uma gravura com a seguinte legenda, «Eram quatro horas da manhã quando João Mendes tirou esta fotografia...»

Esclareçamos. Às quatro da manhã, João Mendes, nosso colaborador, dormia — pois, não é noctívago, nem fotógrafo, conquanto filme com a sua câmara de nove e meio.

Aquela fotografia foi tirada por João Martins fotógrafo profissional de reconhecido mérito (notívago é que não) e que os deveres do seu cargo obrigaram a estar a pé firme tôda uma noite.

Os leitores que nos perdoem. «É a *gralha* aquêle monstro...»

Qual o tipo preferido?

Qual o tipo masculino cinematográfico, actualmente, preferido pelas mulheres? Aí está uma pregunta difícil de resposta. Segundo parece, os gostos e as preferências das mulheres de 1941 são pouco nítidos. Parece que não existe presentemente um tipo preferido e idolatrado com cegueira pelo público feminino das salas cinematográficas. Não nos referimos, evidentemente, ao ponto de vista artístico, que não é para aqui chamado. Referimo-nos, apenas, ao prestígio momentâneo que a presença dos homens provoca nas mulheres, essa espécie de «sex-appeal» discreto, que envolve as almas femininas.

Laurence Olivier parece ter o maior partido, apesar de tudo. Isso é consolador. Domina, pelo menos, pelo seu talento — o que não deixa de ser menos humilhante do que agradar pela simples razão de possuir uns lindos olhos fatais.

Português sem calão...

O Brasil está na ordem do dia. Tem sido nestes últimos tempos motivo obrigatório dos inevitáveis e infalíveis artigos de fundo dos jornais. Também, aqui, nos parece da maior oportunidade e do mais flagrante interêsse ocupar-nos dêle nos aspectos que se relacionam com a índole desta revista.

O Brasil é, e continuará a ser, miragem obrigatória dos que lidam de perto com as coisas do nosso cinema. Dada a exigüidade dos recursos de Portugal para compensar uma indústria de tão grande vulto, o mercado brasileiro não pode ser alheio ao desenvolvimento da produção de filmes. Mas o que se tem feito para tornar possível a distribuïção satisfatória do filme português em terras de Santa Cruz? Nada. Reconhecida a insuficiência do nosso mercado (não esquecemos que, às vezes, se exagera um pouco...) para amortização total do custo de algumas produções e admitido o mercado do Brasil como indispensável ao êxito financeiro das mesmas — pouco mais se tem feito do que mandá-las para lá ao deus dará, sujeitas, tantas vezes, a serem vítimas da nefasta boicotagem que tanto ameaça a própria produção cinematográfica brasileira.

Claro que nos referimos ao actual estado de coisas. O tempo das vacas gôrdas já lá vai. O caso da «Severa» (evocado sempre com saüdade pelos fatalistas que não encontram outra explicação para justificar o desinterêsse a que tem sido votado tão importante problema) não se repete. E os nossos filmes não podem deixar de sofrer da mesquinhice de certos interêsses, debatendo-se, tal qual o filme brasileiro, com a ambição desmedida dos exibidores do Brasil. Dois ou três magnates, detentores de grandes circuitos de cinemas, fazem exigências incomportáveis, tornando impossível a movimentação satisfatória das nossas fitas. Evidentemente, que a sua única mira é comprar tais produções. «Interessa-lhes mais» serem êles os seus únicos detentores no Brasil, adquirindo os respectivos direitos por quantias irrisórias.

Parece-nos, portanto, que seria de aconselhar o caminho lógico da distribuïção directa. Satisfazer-se-iam, assim, melhor, os interêsses dos produtores de filmes nacionais e procurar-se-ia, ainda, solucionar outro problema que se nos afigura bastante grave: o do nosso idioma na América do Sul.

Queixam-se os brasileiros de que não entendem a maior parte dos diálogos dos filmes que de cá lhes mandamos. Isto quere dizer que as produções saídas do estúdio do Lumiar têm de ser feitas em «português europeu» — passe a expressão que não é paradoxal — visto que o «português-brasileiro» não tem razão de existir. Pode existir, quando muito, uma pronúncia, isto é, um sotaque; mas não uma construção gramatical arrítmica, uma invasão sistemática de têrmos indígenas, pior ainda, estrangeirismos de fácil tradução que atacam, corroiem e desarticulam uma língua multi-secular, cheia de beleza, de expressão, de vitalidade. Isso, mesmo, foi compreendido, muito justamente, há pouco, após uma nobilíssima campanha para uniformizar a língua portuguesa e mesmo adoptar as nossas regras ortográficas.

Impõe-se, agora, da nossa parte, que extirpemos dos filmes aquilo que de prejudicial se oferece à sua divulgação no Brasil. Os brasileiros aborrecem-se com o abuso de certos calões. Há, portanto, que opôr uma barreira à invasão dêsses detritos verbais, dêsses gangas, que só servem para mascavar, triturar, envenenar um idioma.

Bem sabemos que o Brasil está longe e que o Atlântico é muito largo e profundo para que uma ponte de inteligência, de bom senso, e de respeito pelo que é alheio e por que outros adoptaram crescendo à sombra da nossa civilização, possa estabelecer-se com segurança e para todo o sempre.

Mas, talvez, valha a pena tentar.

AUGUSTO FRAGA

A marcha do cinema italiano

Por A. DE CARVALHO NUNES

No último número do «Animatógrafo», a traços largos, contámos como nasceu o cinema italiano (1905), descrevemos a sua magnífica carreira e aludimos à influência depressiva que sôbre ela teve a guerra de 1914-18.

Aludimos, então, à União Cinematográfica Italiana, criada com o fim de centralizar os esforços dispersos da indústria, em-



Emma Gramatica, a actriz veterana, acaba de interpretar «Mamma»

preendimento que afirmámos não ter correspondido às esperanças nele fundamentadas.

Vale a pena demorarmo-nos um pouco neste passo, no propósito, já enunciado, de ir colhêr à experiência alheia a parte que possamos poupar à nossa própria experiência.

Em 1906, ou seja, um ano após Alberini e Santoni terem erguido o seu estúdio em Itália formou-se a primeira emprêsa cinematográfica, a «Cines», com capitais firmes, vida perfeitamente assegurada, e, sobretudo, uma grande fé e dedicação pela nóvel arte.

Como negócio, o cinema tinha então, por tôda a parte, acanhados limites, não tinha, em suma, cotação na Bôlsa...

Êxito atrás de êxito, novas emprêsas se foram formando, os capitais afluíam em ritmo crescente — a bola de neve ia crescendo.

Mas o que era antes campo de batalha, em que não faltavam cavaleiros idealistas a bater-se por sua dama, tomou a pouco e pouco o aspecto de feira-franca.

A concorrência começou a criar condições difíceis, as estrêlas eram disputadas entre as firmas, a produção não acertava o passo com as necessidades do mercado. Vivia-se, enfim, no regime de perfeita liberdade económica.

Contudo, o prestígio alcançado pelo cinema italiano ia suportando êsse pêso-morto, a exportação para todo o mundo alimentava bardamente a indústria, as grandes intérpretes mantinham um público fiel.

Mas veio a guerra — e a bola de neve, que se tinha agigantado, transformou-se em avalanche. E a avalanche ameaçou subverter tudo.

Enquanto a Itália se empenhava na sorte das armas, os Estados Unidos da América do Norte ocupavam os mercados abandonados, ao mesmo tempo que melhoravam sensivelmente a qualidade da produção.

Pela razão exposta a Itália, tal como a França não pôde acompanhar êsse progresso, e o atraso sofrido influenciou por longo tempo os destinos do cinema italiano.

O mal era profundo, e o remédio que se quis ministrar mostrou-se ineficaz.



Carla del Poggio é uma das intérpretes do filme «Via delle cinque lune», produção do Centro Sperimentale

À dispersão de esforços, à concorrência levada ao extremo, contrapôs-se uma exagerada concentração da indústria num único organismo de índole particular, sociedade anónima de responsabilidade limitada...

Afigura-se-nos que não é outro o sentido da constituição da União Cinematográfica Italiana.

Formada em 1919, portanto logo a seguir ao fêcho (ou desfêcho?) da Grande Guerra, significava uma reacção demasiadamente violenta para que dela se pudesse esperar o ambicionado equilíbrio.



Adriano Rimoldi e Alba Vighel interpretando uma cena de «Miseria e Nobiltà». repare-se na beleza latina de Alba

Basta dizer-se que foi, no seu tempo, *a mais poderosa emprêsa cinematográfica do mundo!*

A União Cinematográfica Italiana transformou-se no consórcio de tôdas as firmas então existentes; só a veneranda «Cines» guardava ainda a sua personalidade de pioneira dos tempos heróicos.

A nova instituição estabeleceu um grandioso programa e todos os grandes nomes do cinema italiano passaram a trabalhar sob a sua direcção. Realizadores como os nossos conhecidos Augusto Genina e Carmine Gallone, actrizes de categoria—Francesca Bertini, Vera Vergani, Diana Karene, Maria Galli.

Mas grande nau, grande tormenta.

A própria situação interna em Itália trazia à indústria, em geral, graves repercussões. E a concorrência estrangeira, embaraçando a exploração, trouxe também o seu contributo para a derrocada da União Cinematográfica Italiana.

Estavamos em 1930. Valente árvore que levara onze anos a derrubar!

* * *

Foi então que o Ministro das Corporações, Giuseppe Bottai, apresentou o problema ao Govêrno, frizando a necessidade de se encontrar solução rápida ao assunto.

A criação da Direcção Geral Cinematográfica marca uma data do cinema italiano.

O panorama não era consolador: a «U. C. I.» tudo deixara queimar na fogueira. Mas a velha «Cines» renasceu das cinzas.

Havia uma obra de fé a realizar? Procurou-se um homem de fé. Os leitores já conhecem o seu nome: Stefano Pittaluga.

À frente da «Cines», contando com o apoio das entidades oficiais e dispondo dum capital de 100 milhões de liras, iniciou a sua actividade, que levava a todos os campos, com a produção de três filmes de classe: «Resurrectio», «La vena d'oro» e «La canzone dell'amore», êste último extraído duma novela de Pirandello.

Muito novo ainda, Pittaluga morria um ano depois, quási sùbitamente.

Mas a sua fé, o seu entusiasmo, a sua orientação — ficaram.

O caminho estava traçado. Como por êle se chegou a organi-



Rossani Brazi, que contracenou com Isa Miranda em «E' caduta una donna»

zarem-se os melhores estúdios da Europa, é matéria que exige continuação.

Roma e Pavia não se fizeram num dia...

No próximo número um artigo àcerca do "CLUBE ANIMATÓGRAFO"



TYRONE POWER

Artista prestigioso e de categoria, Tyrone tem uma grande, uma extraordinária criação no filme «SANGUE E ARENA», da Fox-Filmes, que veremos na próxima época


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões. Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

INTÉRPRETES DE «O PAI TIRANO»

D. Cândida, «caixa» do Grandella e amadora dramática é

LUIZA DURÃO



Um furioso dramático encontra sempre outro furioso dramático. Porisso, a «caixa» do Grandella ensaiava, com a Gracinha, a empregada da secção de luvaria...

Temos a certeza que a simples leitura do título destas colunas é notícia que vai encher de alegria e curiosidade os leitores de «Animatógrafo». Alegria por voltar a ter na tela uma actriz das mais queridas do nosso teatro e das que tem andado mais esquecidas dos nossos filmes, curiosidade por saber que papel fará, como fará, o que gosta e o que sente Luiza Durão. Porque o público gosta de Luiza e sabe que Luiza gosta, sente, vive e quere a sua profissão como poucos.

A paixão do público é antiga e a de Luiza também. Porque desde 1907 Luiza Durão é artista e o público, sempre, desde a estreia a distinguiu. Era uma menina, tinha só sete anos, quando Luiza Durão trabalhou pela primeira vez numa companhia infantil de teatro e variedades no «Casino Etoile» da Calçada da Estrêla. Desde então nunca mais deixou de representar. Passou ainda com uma companhia infantil, já a representar revistas e operetas para o Salão Avenida, e ainda com opereta mas já enquadrada no meio de grandes Luiza Durão interpretou o seu primeiro grande papel: contava só 11 anos e no palco do «Rocio-Palace» foi a protagonista da opereta «Arraia-Meuda» grande êxito de então. Luiza Durão passou depois pelo «Fantástico» da Rua Jardim do Regedor, entrou para a companhia Taveira e com ela foi inaugurar no Pôrto o «Apolo-Terrasse» actuando brilhantemente na «Apolo-Revista» e na reposição sensacional do «Pai do Vinho».

Foi na «Apolo-Revista» que uma noite Luiza substituíu Dora Vieira, representando à última hora não só os seus papéis como os da estrêla da companhia. Nada menos de dezóito papéis interpretou nessa noite Luiza Durão pondo à prova as suas extraordinárias qualidades de talento, de adaptação e de memória.

Nisto como em tudo mais da sua arte foi ela sempre exímia, actuando por vezes como verdadeiro anjo salvador dos embaraços das companhias.

Um dia, melhor, uma noite em que trabalhava numa revista de que a francesa Berte Baron era a «vedeta» estava Luiza Durão tranqüilamente a pintar-se no seu camarim quando lhe entram pela porta dentro o empresário acompanhado pelo ponto da companhia e Estevam Amarante. A «estrêla» francesa tinha tido uma birra. Não trabalhava. Mas era forçoso que o espectáculo seguisse. E o ponto passou e repassou o papel enquanto Luiza se vestia; Amarante depois nos bastidores estudou com ela as marcações. E Luiza Durão foi. Foi e saíu-se tão bem ou tão mal que Berte Baron não quis voltar a interpretar os seus papéis e a empresa gratificou com libras-oiro a actriz que lhe salvara o prestígio e o dinheiro. Bons tempos, evidentemente... tempos de libras-oiro para gratificar actores.

Luiza Durão andou pela Madeira com a companhia de Silva Carvalho, pelo Brasil duas vezes, com Eva Stachino da primeira na companhia de Macedo em 1926. Ao lado de Chaby trabalhou no «Teatro República» com 14 anos. No «Céu Azul» com Galhardo, com Etelvina Serra e outros interpretou o famoso «Cigarro do Soldado» que tanto se popularizou. Ao lado de Henrique Alves, no Eden, fez o «Gêlo e a Lareira» dueto que no tempo andou anos nos ouvidos e no agrado de tôda a gente. Representou aí aquelas revistas que nunca mais se viram, que se amarravam aos cartazes dez, doze, quinze meses como o «Dominó», «O Diabo a Quatro», o «Novo Mundo».

Contracenou aqui com Amélia Pereira, com velho Gomes, com Ema de Oliveira e Estevão Amarante que, precisamente no «Novo Mundo» cantava o seu celebérrimo e inesquecível «Fado do Ganga». Quando o Eden abriu da segunda vez, já nos dias que há pouco passaram — ela que quási inaugurara da primeira vez, voltou à sua inauguração com «Bocage». Sempre, sempre em tôdas as criações que têm sido centenas e que não vale a pena enumerar por não estarem esquecidas do público Luiza Durão coleccionou êxitos sôbre êxitos transformando tôda a sua carreira numa grande criação.

O cinema também já a conhecia e evidentemente guardava-lhe futuras oportunidades. «Lisboa» viu-a passar numa criação fugaz — «Senhora do Eléctrico». Fugazmente também passou na «Rosa do Adro». Na «Severa» entrou muita vez, em muita coisa, mas o público só via a Marqueza. Porque quando Luiza Durão não era a «Marqueza» cantava o fado na taberna e, nessa altura, de costas para que ninguém descobrisse a «nobreza» por tais boémias.

Ainda na «Severa», em Paris, Luiza que tinha ido acompanhar Costinha, seu marido, fez muitas mãos, muitos sons e pormenores.

Agora no «Pai Tirano» na D. Cândida, caixa do Grandela, doente do coração e amadora dramática, senhora de muitos sustos e de poucos sarilhos, Luiza Durão encontrou o seu primeiro papel cinematográfico cõm feitio, com estrutura completa. E basta saber isto para se calcular como o brio profissional e o talento de Luiza Durão vão criar mais esta esplêndida figura da sua riquíssima galeria.

Luiza Durão adora, como não pode deixar de ser, o Teatro.

Acha muito mais difícil trabalhar no Cinema. No estúdio falta-nos a embalagem porque somos obrigados a representar as cenas aos pedaços». «Além disso não temos a reacção do público que no teatro nos gradua, nos regula». «No palco damos mais ou menos «mecha» conforme a assistência «dá» mais ou menos. Na Cinema só nos rodeiam os projectores, o microfone e a câmara que são implacáveis.

S. L.

QUATRO FILMES PORTUGUESES

QUATRO REALIZADORES, QUATRO ASPECTOS DIFERENTES DA VIDA PORTUGUESA

Quando transpusemos, na última quarta-feira, o portão da Tobis Portuguesa, sentimos a sensação agradável de nos termos afastado da capital centenas de quilómetros e de nos encontrarmos em plena aldeia do norte, em dia de romaria.

Nada faltava para que a ilusão fôsse perfeita. Lá estava a igreja tôda arranjadinha de novo e no adro onde, ao centro, se encontrava o cruzeiro emoldurado por um lindo arco de verdura e flores, havia centenas de bandeirinhas de várias côres, coladas aos cordéis. Ergue-se o coreto para a música e a barraquinha para o bazar, e à roda das casas chãs há lindas raparigas sentadas tendo adiante delas os tabuleiros onde se encontram mil e uma bugigangas que são a delícia do rapazio e das moças casadoiras.

De súbito a filarmónica da terra *ataca* uma música conhecida e logo os pares rodopiam em volta do cruzeiro, enquanto a voz de uma rapariga se ergue ao ar cantando versos que a música acompanha:

— Mar que vem,
Mar que vai...

Não há descanço. A alegria paira no ar e inunda os corações. Há entusiasmo; os moços e as moças bailam, bailam e não param e à voz da mulher sucedeu uma voz de homem:

— Mar que vem,
Mar que vai...

Há poeira no ar. A areia parece fogo, mas os pés não se queimam e os pares não cessam de bailar, entusiasmados com êles próprios. Das pipas de vinho escorre o líquido para os cageirões. Beberrica-se em honra da festa.



Esta fotografia foi tirada momentos antes da filmagem da romaria de «Ala, Arriba!», enquanto a figuração aguarda que as câmaras comecem a rodar

Há encontros novos, e afirmações de velhas amizades. Passam moças casadoiras com os seus cordões e arrecadas de oiro, retiradas do baú para exibir na festa. E a voz prossegue:

— Mar que vem,
Mar que vai...

Um apito estridente estremece-nos. Um CORTA vibrante traz-nos à realidade.

Leitão de Barros do alto de um praticável de cinco metros mandou cessar a filmagem, e de cá de baixo, olhando-o, agradecemos-lhe intimamente o prazer imenso que nos dera aquela reconstituïção. Só a sua arte e o seu saber são capazes de colocar as figuras como êle as coloca. Aqui um par enamorado, além uma velha vendendo goloseimas, e por todo o ambiente rapazes e raparigas, ao todo trezentas, sàbiamente manejadas. É êste o estilo de Leitão de Barros, as grandes reconstituições.

Os que bailaram foram dirigidos por Piero, o feliz ensaiador coreográfico. Os rapazes são do célebre grupo «Verde Gaio» que Francis organizou e as raparigas, as *girls* que Piero tornou dignas da Arte de Terpsicore.

Uma equipa de assistentes facilita as filmagens.

Terminadas tôdas estas cenas «Ala, Arriba!» pode considerar-se pronto de filmagens.

Dissemos no último número que se haviam filmado cenas nocturnas para «Lôbos da Serra».

Não eram muitas, mas as suficientes para que tôda a equipa estivesse trabalhando até às seis da manhã, hora a que o sol começou a despontar quebrando o encanto que o efeito dos projectores conseguiram manter durante uma noite inteira em que o frio obrigou algumas pessoas a envergarem os seus sobretudos e uma delas até, a envolver-se num forte cobertor, ajudando a dar mais verdade ao inverno preparado para a acção. Foi das últimas cenas a filmar, visto o mais importante já estar feito, isto é, 99 % de todo o filme.

Maria Domingas e António de Sousa, os protagonistas, representaram as suas últimas cenas. António Rosa, Manuel Santos Carvalho (que veio propositadamente do Pôrto, onde estava a trabalhar no Teatro Sá da Bandeira), João Guerra e outros viveram os *restos* das suas personagens de «Lôbos da Serra».

Madalena Villaça uma jovem artista de Cinema mas que também é de teatro pois há já alguns anos que trabalha nos palcos nortenhos, interpretou o papel da espanhola Lola a que deu tôda a sua frescura e mocidade. Já em «Ala, Arriba!», onde tem a seu cargo o difícil papel da cigana Lídia saíu-se bem do que a encarregaram. Quando «Ala, Arriba!» e «Lôbos da Serra» se estrearem ter-se-á ocasião de observar a sua grande aptidão para interpretar papéis no Cinema.

Jorge Brum do Canto que se encontra instalado na Quinta das Conchas, para que o não perturbem durante o trabalho do seu filme, tem já bastante adiantada a montagem, esperando-se que «Lôbos da Serra» se estreie ainda êste ano.

Iniciou-se esta semana a filmagem das cenas que decorrem no teatro de amadores «Os Grandelinhas» para «O Pai Tirano».

Num cenário interessantíssimo, que se deve à imaginação de Roberto Araújo e à competência técnica de construção de Francisco Duarte, têm lugar alguns dos momentos mais cómicos de que «O Pai Tirano» está recheado.

Vasco Santana, o mestre Santana do filme, ensaia os seus colegas do Grandella para a interpretação do drama «O Pai Tirano, ou o último dos Almeidas». Estiveram presentes ao ensaio, os *amadores* Armando Machado (o Machado porteiro), Seixas Pereira (o Seixas da secção de vidros), Reginaldo Duarte (o Pinto das setinetas), Barroso Lopes (o Lopes da secção de brinquedos), Luiza Durão (a D. Cândida, caixa da secção de sapataria), a Graça Maria (a Gracinha, empregada da secção de luvaria) e chegou tarde ao ensaio o Ribeirinho (o Chico da sapataria).

Após a comparência dêste último, mestre Santana leu a rúbrica da peça e deu início ao trabalho.

Leonor Maia assistiu, por detrás da câmara de filmar à representação da peça e riu, como nós rimos, com as atrapalhações de Machado e a ira de mestre Santana.

E assim todos os dias vai-se trabalhando para que o filme esteja pronto dentro do prazo marcado e se estreie no dia previsto.



Maria Domingas, Marimiliz e Carlos Manuel numa cena de grande intensidade dramática de «Lobos da Serra»

Podemos dar hoje aos nossos leitores uma boa notícia .Além de «O Pátio das Cantigas» vai realizar-se outro filme português.

Desde Maio que sabíamos da existência dêsse projecto, mas uma das pessoas interessadas na sua realização pediu-nos para nada dizermos, visto não ter naquela altura a certeza absoluta de o fazer. Prometeu, no entanto, informar-nos desenvolvidamente acêrca do novo filme. Como o não fez até agora, e como nós temos a confirmação da realização imediata dêsse filme não quisemos, de modo algum, deixar de informar os nossos leitores.

O novo filme é realizado por Manuel de Oliveira, e fotografado por António Mendes, nomes que não são estranhos aos cinéfilos de há dez anos, nem aos mais recentes.

Estes dois homens realizaram em 1929, se não estamos em êrro, um dos mais curiosos filmes que se tem apresentado nas telas portuguesas: «Douro, faina fluvial».

Sôbre êste filme, Emile Vuillermoz, notável crítico cinematográfico francês, escreveu em *Radio-Magazine* um artigo crítico sôbre «Douro, faina fluvial» de que transcrevemos algumas passagens.

— Esta obra, cujos autores se encontram em todo o viço da juventude, é um deslumbramento para os olhos, para a sensibilidade e para o espírito.

— ...os srs. Mendes e de Oliveira são dois verdadeiros cinegrafos, admiràvelmente dotados para o seu métier e de quem se pode esperar muito.

Também António Lopes Ribeiro escreveu na *Imagem*, num artigo sôbre os valores do Cinema Nacional, o seguinte:

— Abro parágrafo especial para António Mendes, o operador de «Douro», o mais pessoal de todos êles, o que mais fàcilmente pode criar um estilo seu, como o de Curt Courant, ou de Carl Hoffmann, onde Günther Rittau, inconfundíveis, é ainda um amador. Mas urge profissionalizá-lo, porque artistas com o estôfo dêle há pouco por êsse mundo fora, quanto mais em Portugal.

Estas palavras deixam antever, que Manuel de Oliveira e António Mendes não são dois estranhos na arte das imagens animadas. Depois de «Douro, faina fluvial», chamaram Manuel de Oliveira para trabalhar num filme. Mas, ao contrário do que tôda a gente esperava, não foi como técnico, mas sim como artista. E assim, Manuel de Oliveira foi o galã de «A Canção de Lisboa», o filme de Cotinelli Telmo.

Depois de alguns anos de silêncio apresentaram os dois artistas nortenhos um novo filme, também documentário, «Em Portugal também se fazem automóveis» que foi exibido com .«A Rosa do Adro». Ùltimamente, no programa de «Pôrto de Abrigo» havia um complemento intitulado «Famalicão» de que Manuel de Oliveira e António Mendes eram autores. Êste filme teve também um certo êxito.

Depois de, durante anos, muita gente ter dito que os dois portuenses podiam muito bem arcar com as responsabilidades de um filme de fundo, eis que se fechou contrato para a realização dêsse desejo.

O filme de que ainda não está assente em definitivo o título é quási totalmente interpretado por crianças.

A direcção, como já dissemos, pertence a Manuel de Oliveira, e à câmara actuará António Mendes sob a direcção de Octávio Bobone que tão bem tem provado em vários filmes e que ùltimamente em «Ala, arriba!» demonstrou as suas faculdades de grande operador. Artur Duarte será, possìvelmente o director de cena, cargo que tem desempenhado em «Varanda dos Rouxinóis», «Feitiço do Império», «João Ratão» e «Ala, Arriba». Sousa Santos, o operador de som da Tobis Portuguesa, deverá ocupar êste cargo no novo filme. Outros elementos técnicos se indicam, enquanto no Pôrto se prepara tudo para que se possa iniciar as filmagens de exteriores no próximo dia 15.

Em 15 de Outubro começará a filmagem de interiores no Estúdio da Tobis Portuguesa.

Mais um filme português a fazer em 1941.

JOÃO MENDES



Uma cena de «O Pai Tirano» — O Chico encontrou-se com o Santana num café, para êste o ajudar a resolver um grave problema da sua vida

CURIOSIDADES DA HISTORIA DO CINEMA

Onde acabam e onde começaram os operadores de filmagem

Por FERNANDO GARCIA

O Cinema, filho de sábios, criado nos braços de aventureiros, educado por um prestidigitador de génio e acalentado através da vida por artistas de tôdas as raças e climas não podia deixar de ser o maior curioso dêste tempo.

Quando em 1914 rebentou a outra guerra a que chamaram grande, já o Cinema era a terceira indústria do mundo. Dezenas de firmas então lançaram, mais ou menos oficiosamente, os seus operadores para os campos de batalha, armados com as câmaras de reportagem. Uns mais audaciosoa, outros menos, todos trabalharam no seu combate. Ficaram registadas centenas, quilómetros de metros alguns ao fim de trabalho de pouco perigo como os que mostravam a partida do «Lusitânia», os refugiados belgas através das estradas da Flandres, as revistas de Clemenceau ou as do Kronprinz; outros que só se alcançaram à custa de vidas, de arriscar a pele, à custa enfim de ser herói, ganhando documentos, servindo o seu trabalho com sacrifício da vida: foi assim que o Cinema registou a primeira arrancada dos americanos, onde quási tudo ficou ceifado assim que vimos filmada a terra de ninguém, assim que se filmaram as tropas alemãs batalhando na Bélgica.

Acabada (ou interrompida, como quiserem) a Guerra de 14 os soldados de espingarda arrumaram as armas no dia do armistício e quando desfilaram em glória, os operadores continuavam soldados no activo a filmar as paradas dos seus irmãos de tantos combates. E nunca mais houve paz. Sempre num ou noutro canto do mundo se combatia. Os soldados das espingardas mudavam, as nações a servir eram outras. Só os operadores eram sempre os mesmos, sempre com igual objectivo a cumprir: conseguir as melhores tomadas de vistas para ganhar a guerra das actualidades. Foi assim que o «camera man» caiu ao lado dos soldados da Bolívia e do Paraguay, ao lado dos soldados da China e do Japão, frente a frente à explosão brutal do Alcazar de Toledo. Houve dezenas perdidos nos pântanos do Chaco, dezenas na Manchúria, dezenas que cairam diante de Madrid e nas linhas do Ebro. E entretanto houve alguma coisa de novo entre os operadores de actualidades: é que deixaram de ser franco-atiradores da imagem, soldados mercenários das firmas editoras de actualidades. A guerra tomou medidas originais em todos os campos, absorveu tudo, alinhou a Propaganda ao lado da Engenharia e das divisões motorisadas e, hoje, o exército de choque se no campo táctico surpreende pelo papel ocupado pela engenharia não é menos surpreendente pelo lugar que deu às objectivas de Cinema que fabricam com imagens um dos mais poderosos explosivos — os documentários . cinematográficos.

O operador de actualidades, soldado igual aos outros de armas diferentes mas não menos poderosas, acaba hoje nas frentes de batalha, sacrificado, para que existam os jornais da «British Paramount News» e da «UFA».

Só desconhecendo os princípios agitados das actualidades cinematográficas se pode ficar surpreendido com as dificuldades que sempre os repórteres de ci-

(Conclui na pág. 12)

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

1 — Anna Neagle, a insinuante vedeta da «Rainha Vitória», é casada com o cineasta inglês:

— Victor Saville?
— Alfred Hitchcock?
— Herbert Wilcox?
— Lancelot Confort?
— John Argyle?

2 — Qual foi o filme de Joan Crawford, onde Nelson Eddy apareceu num papel episódico:

— «O Turbilhão da Dança»?
— «Uma mulher que venceu»?
— «Doidos & C.ª»?
— «A Vida é o Dia de Hoje»?
— «Os Dois Amores de Diana»?

3 — Como se chamou o primeiro filme de desenhos animados coloridos apresentado em Portugal:

— «A menina de chapelinho encarnado»?
— «A deusa das Flores»?
— «A vingança do Dragão?
— «A Bruxa da Floresta»?
— «Os três porquinhos»?

4 — Qual foi o primeiro filme que reüniu o par Jean Kiepura-Martha Eggerth?

— «Sinfonia Incompleta»?
— «Gosto de tôdas as mulheres»?
— «Ouve o meu coração»?
— «Vida de Boémia»?
— «O seu maior êxito»?

5 — Como se chamou o único filme até hoje interpretado pelos três irmãos Barrymore: Ethel, John e Lionel?

— «Chá para três»?
— «Romance»?
— «No palco e na vida»?
— «O anel da Imperatriz»?
— «Rasputine e a Imperatriz»?

6 — Em que filme ganhou Norma Shearer o prémio da melhor interpretação feminina da Academia Americana das Artes e Ciências Cinematográficas?

— «Romeu e Julieta»?
— «As Virgens de Wimpole Street»?
— «A Divorciada»?
— «Mulheres»?
— «Um amor que não morreu»?
— «Maria Antonieta»?

7 — Em que filme Ginger Rogers aparecia de monóculo?

— «Chapéu Alto»?
— «Mãezinha à fôrça»?
— «Voando para o Rio»?
— «A Alegre divorciada»?
— «Vamos dançar»?
— «Rua 42»?

8 — Qual o actor que desempenhou o papel do galã de Marlène em «Marrocos»?

— Clark Gable?
— Gary Cooper?
— Charles Boyer?
— Frederic March?
— Clive Brook?
— Cary Grant?

9 — Como se chamava um filme americano passado entre pescadores portugueses residentes nos Estados Unidos?

— «O Preço duma Vida»?
— «Uma aventura no mar»?
— «O Grande Charco»?
— «O Navio Negreiro»?
— «O Tigre dos Mares»?
— «Nos mares da China»?
— «O homem e o mar»?
— «Entre duas águas»?
— «Lôbos do Mar»?

10 — Qual foi o actor que interpretou o protagonista dêsse filme, «Myke Mascarenhas»?

— Wallace Beery?
— Jean Hersholt?
— Lionel Barrymore?
— Montagu Love?
— Edward G. Robinson?
— Paul Muni?

11 — Quem foi o realizador de «Cavalgada»?

— George Cukor?
— Van Dyke?
— Edmond Goulding ?
— Frank Borzage?
— Victor Fleming?
— Frank Lloyd?

12 — Em que filme vimos Douglas Fairbanks Júnior interpretar a figura de um imperador?

— «O Patriota»?
— «A última companhia»?
— «Fatalidade»?
— «Catarina da Rússia»?
— «Traição»?
— «O Sinal da Cruz»?
— «O Rebelde»?
— «Raínha Cristina»?

COIMBRA fotogénica

(Conclusão da pág. 4)

Vê-se então, no dia seguinte, de cabelo rapado, a pensar, numa amargura, como há-de ir assim para férias do Natal, aparecer à *pequena* que deixou lá na terra.

A seguir, é julgado num *Tribunal* em que só vê figuras de embuçados, mocas levantadas por cima da sua cabeça, paredes negras, com enormes caveiras, rindo...

Tremenda noite de pesadelos, de que o desperta a *servente*, porque são quási horas de ir para a aula, e a mandriar desta maneira já lhe estão a agourar a *gata*, no fim do ano...

Pobre *caloiro!* Vai-te lembrando também que no ano que vem já serás *veterano*, já serás tu a troçares os outros caloiros, a dizer-lhes que nunca o fôste...

Vamos acompanhar-te na tua formatura, e prometemos-te que será rápida e brilhante.

Para a semana ficarás formado, na vida prática, e talvez a chorar, a chorar... com saüdades de Coimbra, da tua mocidade e até... do teu ano de *caloiro*...

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

CHARLES BOYER e MARGARET SULLAVAN vão filmar "Heartblet"

A expansão da obra de Edna Ferber, a categoria e a popularidade que Charles Boyer goza nos Estados Unidos, lugar de primeiro plano entre os mais considerados actores de Hollywood e o êxito ainda não esquecido da primeira versão de «Back Street» feito há cêrca de onze anos, com John Boles e Irene Dunne nos personagens criados recentemente por Boyer e Margaret Sullavan, criaram ao filme da Universal uma espectativa de que poucos, certamente, se podem vangloriar.

Felizmente essa espectativa não foi iludida, porquanto o filme, segundo a opinião unânime da crítica séria americana é uma obra notável, já pela direcção de Robert Stevenson, um nome que a realização de «Esgrima do Pecado» trouxe para plano destacado, quer pela notabilíssima actuação de Boyer, interpretação que é considerada a melhor de tôda a sua carreira, quer pela expressiva criação de Margaret Sullavan, actriz de excepcionais recursos dramáticos, que tem no filme um papel absolutamente adequado à sua feição. «Back Street» deve ser por isso uma das melhores produções saídas dos estúdios americanos, êste ano. O êxito artístico foi perfeitamente igualado pelo êxito comercial. E de tal forma que isso levou os dirigentes da Universal a juntar de novo aqueles dois intérpretes num outro filme de características afins, em que o lado romântico-sentimental, base do êxito de «Back Street», seja tratado com igual desenvolvimento e relêvo de situações.

O filme, feito segundo um argumento o r i g i n a l, intitula-se «Heartblet», e deve começar a ser realizado logo que o «scenario» seja dado por concluído pela secção respectiva.

William Seiter, veterano realizador, ex-marido de Laura La Plante, a loira «ingénua» que foi a paixão dos cinéfilos de há três lustros, terá a seu cargo os trabalhos de encenação do filme.

Ricardo Dix volta a filmar

Richard Dix um actor correcto e sóbrio que foi há uns três lustros figura proeminente do elenco da Paramount e que se celebrizou interpretando com Irene Dunne o célebre «Cimarron», voltou agora a trabalhar na companhia em que se estreou. Para o productor Harry Sherman, fará Richard Dix dois filmes: «Tombstone» cuja acção se passa naquela cidade mineira do Texas, em fins do século passado, e «American Empire», em que o argumento decorre também no estado do Texas, focando uma das mais famosas organizações rurais americanas de meados do século passado, o célebre rancho King.

A Argentina exige de Hollywood a destruïção dos negativos do filme "Argentine Nights"

O Govêrno da Argentina proibiu recentemente o filme «Argentine Nights» logo após a sua ruidosa estreia, em que os espectadores, recebendo primeiramente o filme à gargalhada, acabaram por se irritar em conseqüência da forma absolutamente falsa como era dada a vida e os costumes argentinos, partindo cadeiras e praticando outros distúrbios. De tal forma o filme apresentava a gente da grande república sul-americana que foi oficialmente exigida a destruïção do negativo, sob pena de não mais entrarem na Argentina filmes da emprêsa que produziu as famigeradas «Noites Argentinas».

Esta atitude contrasta completamente com a forma como tem ali sido recebido o filme «Down Argentine Way», que se pode considerar o filme da Fox que mais êxito tem alcançado na Argentina. De tal forma tem sido o interêsse por «Sinfonia dos Trópicos» que em várias cidades as receitas têm igualado as de «Gone With the Wind», que se consideravam as mais elevadas que um filme tem alcançado em cinemas argentinos.

Veronika Lake é uma nova vedeta da PARAMOUNT

Veronica Lake a perturbante loira cujo nome a Paramount está agora a lançar com um interêsse e um carinho comparável ao que há poucos anos serviu para tornar conhecida Dorothy Lamour, vai ser vedeta dum novo filme daquela emprêsa, para quem acaba de fazer «I Want Wings», um filme de aviação em que tinha o seu primeiro papel no Cinema, estreia a que a crítica americana prestou os devidos louvores.

Em virtude do interêsse suscitado pela sua presença naquele filme, Veronica Lake, a quem tôda a publicidade chama, entre outras coisas, *the Strotoliner Blonde*, foi colocada à frente do elenco feminino do filme da Paramount neste momento em realização, «Sullivan's travels». O realizador Preston Sturges é o encenador e o autor do argumento de «Viagens de Sullivan», cuja acção decorre nos meios cinematográficos e que tem ainda por intérprete Joel Mac Crea — que interpreta a figura de um realizador, enquanto Veronica Lake vive a personagem duma «extra» — Margaret Hayes, Raymond Walburn, Eric Blore, William Demarest, Porter Hall, George Renavent, Franklin Pangborn e Frank Moran. A fotografia é de John Seitz

A carreira de "GONE WITH THE WIND" traduzida em números e dólares

«Gone with the wind», o celebrado filme extraído da obra popularíssima de Margaret Mitchell, que David O. Selznick produziu e o Metro Goldwyn Mayer distribuiu, continua fazendo nas Américas um êxito que, ao que parece, está longe de se esgotar, já que — excepção feita da Inglaterra — o conflito actual o fez afastar das telas europeias incapazes de, neste momento, permitirem o rendimento que ao productor e ao distribuidor pareça justo que o filme deva alcançar.

Apesar da falta de contribuição europeia, as receitas que o filme até esta altura produziu são tais que excedem, num ano, as alcançadas em vinte anos pelo filme de Grifith «Nascimento duma Nação», que se consideravam únicas na história do cinema.

Segundo números recentemente tornados públicos pode bem avaliar-se o que tem sido a carreira dêsse filme excepcional. Por êles se fica sabendo que o filme foi visto por quarenta e cinco milhões de pessoas que fizeram entrar nas bilheteiras de todos os cinemas em que tem sido exibido 31.000.000 (trinta e um milhões de dólares!). Só os Estados Unidos, na sua primeira época da exibição, quando da estreia, contribuiram com 22.580.000 dólares, sendo de 6.750.000 dólares as receitas da «reprise» do filme, para o qual ainda há cêrca de três mil marcações. O restante daquela importância é preenchido com o rendimento no estrangeiro.

CECIL B. DE MILLE revoluciona a cidade de CHARLESTON

Uma coisa que caracteriza a importância e o valor como elemento precioso de propaganda e expansão em que nos Estados Unidos é tido o cinema é, entre tantas outras, a forma como êle é olhado em todos e por todos os meios, não excluindo dêles evidentemente, os oficiais, os quais tantas e tantas vezes lhe têm prestado uma colaboração de tal categoria e eficiência que não tem preço, quer pondo à disposição de Hollywood organismos e serviços de alta categoria e importância, quer aplanando complicações que possam surgir, concedendo, enfim, facilidades para o bom resultado desejado.

Um exemplo concludente, passado há pouco tempo exemplifica maravilhosamente êsse sentido de colaboração.

Como se sabe e «Animatógrafo» disse-o já desenvolvidamente, Cecil B. De Mille, está dirigindo uma nova obra cujo título é «Reap the Wild Wind», um filme em que o mar desempenha um grande papel. De Mille necessitava, para a acção do seu filme, de trabalhar na cidade de Charleston, mas tal como se apresentava em 1840; imediatamente o «mayor» actual, ou seja o governador Henry Lockwood, ordenou para que o trabalho da equipa resultasse o melhor possível que fôssem arriados os postes telefónicos e os suportes dos condutores de energia eléctrica, assim como *camouflados* alguns locais e edifícios de forma a dar a Charleston, cidadezinha que uma dança celebrizou há uma dúzia de anos, o aspecto que apresentava há um século atrás, precisamente aquele que convinha ao ponto de vista do célebre animador de espectáculos cinematográficos de características grandiosas.

FITAS NA FORJA

- *GET-AWAY, com Robert Sterling, Donna Reed, Van Heflin, Charles Winninger e Dan Dailey Jor. Dirigida por Richard Rosson. Fotografia de Sid Wagner. Metro Goldwyn Mayer.*

- *DEVIL AND DANIEL WEBSTER, com Walter Huston, Anne Shirley, James Craig, Simone Simon, Jane Darwell, Gene Lockhart, John Qualen e George Cleveland. Dirigida por William Dieterle. Fotografia de Joseph August. RKO-Rádio Filmes.*

À Margem das Fitas

FARIA DA FONSECA



Uma notícia de Los Angeles diz-nos que produtores, realizadores, «cameramen», estrêlas e demais celebridades de Hollywood puseram todo o seu génio criador (sic) ao serviço dos oficiais e marinheiros das repúblicas Sul-Americanas, que foram à Cinelândia de visita. Não houve maravilha que lhes não mostrassem. E, por último, organizaram um banquete nos maiores estúdios, que decorreu com invulgar animação.

«Por exemplo — diz a notícia — Carmen Miranda, a embaixatriz extraordinária do Brasil, que pode não ter instruções mas inspira indubitàvelmente boa vontade entre as Américas, esteve na mesa com os oficiais e recebeu entusiásticas felicitações do vice-almirante José Machado de Castro e Silva». O vice-almirante argentino José Guisasola sentou-se entre Norma Shearer e Loretta Young. Dolores del Rio ficou entre sargentos. Etc., etc....

Até o meio cinematográfico do Tio Sam arvora em diplomata para consolidar as boas relações das Nações Pan-Americanas...



O «Variety» dá-nos na primeira página dum número recente a notícia de se ter surpreendido a seguinte frase num diálogo entre dois garotos americanos, do qual se deduz que o nome de Charlie Chaplin não disfruta a popularidade que se supõe:

— «Fôste ver Charlie Chan?»

Da conversa concluia-se que êste Charlie Chan não era outro senão Charlie Cha(n)plin, pelos vistos menos popular que o célebre detective das fitas.



Alice Faye casou-se, em segrêdo, com o director de orquestra Phil Harris — ela divorciada do cantor Tony Martin, êle da cançonetista Marcia Realston. Ela é estrêla de fitas musicais, êle dirige uma orquestra.

Que agradável deve ser passar os serões com Alice Faye e Phil Harris. Decididamente, não lhes falta vocação para a música...



O México e a Argentina andam às turras por causa do cinema. As fitas argentinas pagam 100 pêsos cada uma para entrarem no México ao passo que as fitas dêste último país só entram na Argentina mediante 900 pêsos de direitos de importação por unidade. É uma disparidade injustíssima, cuja explicação está no facto de o cinema Mexicano não poder competir em qualidade com o da Argentina, cujo público se defende por meio das pautas aduaneiras.

Não empreste nem peça emprestado o «ANIMATOGRAFO»

Curiosidades da história do Cinema

(Conclusão da pág. central)

nema encontraram para resolver. Lumière apesar de nunca ter sido o que se chama um «barra» em negócios tinha no entanto plena consciência do que poderia valer um documento cinematográfico. Assim quando enviou Promio correr mundo para vender a sua invenção encarregou-o de ir disparando sôbre os assuntos palpitantes que pudesse topar diante das câmaras de filmar. Disparar é bem o termo... Porque um dia, do alto duma varanda, os enviados de Lumière fotografavam em Londres os funerais da rainha Vitória e pareciam velhos caçadores que mudavam de espingarda a cada tiro. Enquanto o operador gastava a pequena bobina duma câmara um ajudante carregava a outra para se filmar sem interrupção.

Bem dignos percursores dos homens da câmara que haviam de morrer nas guerras, os enviados de Lumière, de Gaumont, de Pathé, nunca vacilavam diante de dificuldades. Um dia em Bremen devido às represálias dos fotógrafos convenceu-se um fabricante de caixões a emprestar a casa e ali mesmo dentro dum caixão se inventou a câmara escura indispensável.

Cenas que parecem da guerra de hoje — Os espiões das actualidades

De câmara às costas, verdadeiros colonizadores cinematográficos os primeiros operadores de actualidades tinham de ser simultâneamente caixeiros viajantes dum produto, embaixadores duma ideia e espiões duma firma.

Mesquisch, primeiro operador de Lumière e primeiro poeta do Cinema quando imaginou uma «Viagem à Lua» com o primeiro fundo musical próprio, Mesquisch podia chamar-se *a quinta coluna* do Cinema *para usar bem aplicada uma designação de hoje.* Sua tarefa foi mesmo mais vasta e se a luta comercial dá um viver prosaico nos trabalhos e canseiras que passou, mesmo assim, pode Mesquisch ficar como o «missionário», o explorador do Cinema. A sua câmara enfrentou antes de nenhuma outra a paisagem predestinada do Far-West, o Cinema entrou no seu futuro paraíso — os Estados Unidos, pela sua mão. Fotografou as terras do Lhassa. Levou as objectivas ao alto do Thibet a enfrentar, quem sabe, as mesmas paisagens diante das quais, trinta anos depois, arrastados por uma avalanche de neve caiam dois colegas operadores da «Fox Movietone».

Não contente com isso devassou a China — uma China sem guerras que, a bem dizer, mais nenhum operador conseguiu encontrar.

Pois Mesquisch e os operadores de Lumière — quinta coluna cinematográfica — espiões dessa guerra das imagens e reportagens de que falamos foram um dia expulsos dos Estados Unidos. Os sábios também têm interêsses. Edison moveu nos Estados Unidos uma violenta campanha contra os «diplomatas» embaixadores de Lumière. Uma noite como fugitivos que corressem risco de fusilamento os cineastas franceses saíram da terra americana surrateiramente silenciosamente num pequeno barco costeiro. E ao largo, nas águas da baía de Hudson tiveram que aguardar o primeiro paquete que os transportasse à pátria, vamos lá, ainda sem necessidade de serem comboiados.

Nestes e noutros apuros despontavam os jornais de actualidades cinematográficas. Hoje, no campo de batalha, tão soldados como os soldados, os operadores de reportagem e documentário morrem em combate. Vão diferentes os tempos, está diferente o Cinema, as lutas são outras, novos objectivos — mas é igual a têmpera rija dos homens. —

CARTAS DUM CINÉFILO

Azafamado director:

Passei no domingo à porta do Grandela e lá vi algumas filmagens do «Pai Tirano». Gostei de ver e sobretudo notei que havia método de trabalho. Até parecia que tudo aquilo era orientado por mim. Não estive lá muito tempo porque um polícia disse-me para eu seguir o meu caminho. Ainda estive para dizer ao polícia que era o Ignácio da Purificação mas preferi não desfivelar a máscara do incógnito.

Preciso do seu conselho para uma coisa. Estou tentado a ir oferecer-me ao realizador inglês Gabriel Pascal para trabalhar com êle na fita que vai fazer sôbre o Vasco da Gama. Sou uma pessoa que percebo de história pois fiquei bem no exame de instrução primária em história e além disso tenho vastos conhecimentos de cinema. Quero dizer posso aliar a minha sabedoria histórica à minha aptidão cinematográfica. Sou, portanto um óptimo colaborador para o nosso colega Pascal e estou certo de que êle não desprezará o meu oferecimento, pois êle não é como os realizadores portugueses que põem de parte os verdadeiros valores. (Desculpe dizer isto mas o senhor agora aqui é só director).

Já comecei a fazer um argumento sôbre o Vasco da Gama, mas um argumento pequeno, de trazer por casa. É só para ir praticando e então depois farei o argumento em tamanho natural que apresentarei ao sr. Pascal.

Fui na segunda-feira, que é o dia que eu tenho de folga no talho do meu pai, ao Lumiar para ver o senhor filmar. Afinal o senhor também folgou na segunda-feira e eu não cheguei sequer a entrar pois o porteiro não me deixou. Estive a espreitar por cima do muro e vi estar a filmar cavalos para o filme «Lobos da serra». Gostei de ver sim senhor e os cavalos mostraram intuïção pois fizeram tudo quanto o sr. Brum do Canto lhes mandou.

Quanto à «Produção Ignácio da Purificação» cá continuo a trabalhar e com certas esperanças. O meu pai continua a fazer tratamentos mas até agora os resultados são nulos.

Como vê não há motivos para desanimar. Antes pelo contrário. Se o meu plano fôr por diante ofereço um camarote à direcção da Associação dos Diabéticos Pobres para ir assistir à estreia do meu primeiro filme. É uma maneira simpática de prestar homenagem à memória de meu pai.

Ignácio da Purificação

O Correio de Bel-Tenebroso

Como nas fitas...

A história é muito simples — e merece ser contada.

Um belo dia, um leitor como tantos, que vivia na Província, escreveu para «Bel-Tenebroso» e dizia no fim da carta, que desejava corresponder-se com *Uma garota sem importância*. Dêste modo, *Eterno garoto* e *Uma garota sem importância*, trocaram, epistolarmente, as suas primeiras impressões sôbre cinema. Viram que se entendiam bem — e, como tal, passaram a corresponder-se directamente.

Quando *Animatógrafo* surgiu, os dois pseudónimos voltaram a aparecer no correio. E soubemos então que *Uma garota sem importância* e *Eterno garoto* estavam noivos.

Há dias, na última 5.ª feira do mês de Julho, os dois simpáticos leitores da nossa revista, que haviam identificado *Bel-Tenebroso* por um conjunto de circunstâncias que não vem para o caso, telefonaram àquele nosso colega de Redacção a dizer isto, muito simplesmente:

— Casamos há poucas horas e não quisemos deixar de lhe dar a notícia, no próprio dia, uma vez que a si devemos termo-nos conhecido.

Primeiro, falou *Eterno garoto*. E, depois, *Uma garota sem importância*. «Bel-Tenebroso» felicitou-os em seu nome e no de todos os leitores desta Secção.

***Animatógrafo* deseja as maiores felicidades aos noivos — aos noivos que repetiram, na vida real, e até certo ponto, a deliciosa aventura que James Stewart e Margarette Sullavan viveram — na *Loja da Esquina*.**

984 — MARIA RITA. — Nem tu podes avaliar como gostei de rever a tua letra! «Que saüdades, Deus meu!», como se diz na «Balada de Neve», do Augusto Gil. — Achei deliciosa a ideia das três preguntas da praxe. — Aí vão os nomes dos filmes, que respondem a elas: *Avé Maria!* e *Não me esqueças*, ambas de Benjamino Gigli. — Recebi a outra carta, também. «Thanks a Million» responde por sua vez, às duas outras preguntas que formulavas. Era um filme musical, de mérito relativo. — Perdoa-me ter levado tanto tempo a responder-te, mas o correio é cada vez mais numeroso, sôbre a minha mesa. — Transmitirei a *Donalda* as tuas saüdações.

985 — UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Fica sabendo que não te perdôo! Lembro-me *perfeitamente* do que me contas, em relação ao dia 12. Para a outra vez, não hesites. E o mais curioso é que tive o pressentimento de que eram Vv. — Já fiz idêntica comunicação ao *Eterno Garoto*.

986 — DERAM-LHE UMA ESPINGARDA *(Lisboa)* — Maureen O'Hara, a «Esmeralda» de *Nossa Senhora de Paris*, e a vedeta de *Dança, Rapariga Dança*, é de facto muito bonita. Podes escrever-lhe para RKO-Radio Picture Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Transmito as tuas saudações às leitoras desta revista, em especial a *Boneca Volúvel* e *Raínha Farida*.

987 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE *(Coimbra)*. — *No, no, Nanette* é um filme agradável, e nada mais. A música da opereta, como sabes, é muito bonita e o filme está encenado com o luxo e o cuidado que Hollywood põe em todos os seus trabalhos. — Transmiti a tua sugestão dum emblema para os sócios do *Club do Animatógrafo*.

988 — ADORO MADELEINE CARROLL *(Lisboa)*. — Só te posso dizer, em referência ao pseudónimo, que tens muito bom gôsto... — A tua carta foi oportunamente transmitida a *Moreninha Insinuante*. — Êste leitor pede-me que comunique a *El Estudiante* que gostosamente seria comprador de um dos dez exemplares da sua revista. — A tua ideia sôbre a fôlha *Juventude* é curiosa. Mas não é para a nossa terra...

989 — SHEARÓFILO *(Lisboa)* — Gostei muito de saber que *Animatógrafo* te continua a agradar cem por cento. — Estou convencido de que poderás ser sócio do Clube da nossa revista. Para tanto, deverás dirigir-te à Direcção de *Animatógrafo*, e mencionar nome, morada, profissão e idade, juntamente com a declaração de que já vais ao cinema há mais de dez anos. — Norma Shearer: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

990 — DINHAMÁ *(Lisboa)*. — Respondo àquele teu postal em que me preguntas «se estou vivo». Estas linhas, na sua eloqüência, respondem à pregunta.

991 — UMA GAROTA ENDIABRADA II. — Apreciei muito a tua cartinha. Aqui tens a resposta «separada». Deves, porém, mudar de pseudónimo porque há outra leitora que o adoptou. — Os protagonistas de *Três Mosquiteiros* foram os Irmãos Ritz. Na sua versão original, o filme intitulava-se *Three Musketeers...* — E escreve mais vezes.

992 — DOIDA POR MÚSICA — Pela minha parte, também sinto a «fome» dos filmes da Deanna Durbin. Esperemos o ano que vem, que nos trará *Parada da Primavera* e, possìvelmente, *Nice Girl*. — Filmes «que encantam»? A época, que agora findou, foi pródiga: *Rebecca*, *Ninotchka*, *Sinfonia dos Trópicos*, *Pinocchio*, *Mulheres*, *Robin dos Bosques*, *Peço a palavra!*, *O primeiro Amor de Gata Borralheira*, *Data Memorável*, *O Feiticeiro de Oz*, *Tom Edison*, *A Loja da Esquina*, *Kitty, a rapariga da Gola Branca*, *A Cidade Turbulenta*, *A Insubmissa*, *Orgulho e Preconceito*, etc.

993 — MOLIÈRE *(Coimbra)*. Respondi oportunamente à tua carta. Infelizmente, os leitores deverão aguardar muitas semanas, antes que possam aparecer respostas às suas cartas.

994 — CINÉFILO TIRSENSE *(Pôrto)*. — A publicação «Argumentos de Filmes» está suspensa, temporàriamente. — Com *Gone with the wind* está sucedendo o mesmo que se verificou com os filmes de Chaplin. Como pertence a um produtor independente (Selznick) embora a distribuïção haja sido confiada a uma firma (Metro), não faz parte da lista de produção corrente. Isto é: trata-se dum negócio isolado. E, ainda que pareça paradoxo, êsse facto tem prejudicado a sua apresentação. Estou porém informado de que a Metro Goldwyn Mayer envida, neste momento, todos os esforços, para que o filme seja apresentado na próxima época. — A produção inglesa, depois da guerra, passou a interessar-se sobretudo pelos temas de propaganda. — Consta-me que, na próxima temporada, serão exibidos, nas nossas telas, filmes alemães.

995 — MARIA DO MAR *(Aveiro)*. — Neste número encontrarás a história dos noivos, e que se conheceram através das páginas do Correio de Bel-Tenebroso. — Se quiseres felicitá-los (e a sugestão vai para todos que me lêem), poderás fazê-lo por meu intermédio. Eu farei seguir as cartas para o seu destino. — William Powell concluiu *Love Crazy*, com Myrna Loy.

996 — PRINCIPE DE GALES. — Não te contentas com menos, no que toca ao pseudónimo?! — Shirley Temple: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Os selos para Hollywood custam o mesmo do que para Sing-Sing ou para Tóquio: 1$60, pela via ordinária. — A Martha Eggerth, por ora, não trabalha nos estúdios. — A Dorothy Lamour, a «Dothy», como lhe chamam em Hollywood, é, de facto, um amor de rapariga. Há quem diga que ela tem a beleza dos cisnes (o que é uma maneira elegante de dizer que é estúpida); mas deixa falar! A inveja tem uma audácia sem limites.

997 — JOÃO NINGUÉM — Mirita Casimiro apareceu num único filme: *Maria Papoila*.

999 — FLOR DOS ALPES. — Quando tiveres ensejo de ver um filme da Dorothy Lamour compreenderás então por que gosto dela. Como tu, aprecio-a muito mais nos papéis estilo *Furacão*, do que no género de *O filho também roubou*. O encanto da Dorothy está na razão inversa da superfície ocupada pelo vestuário que ela envergar... — É um facto aquilo que me dizes quanto aos artistas franceses. O público interessa-se menos por êles. E sabes porquê?! Porque quem não aparece, esquece.

1000 — ÚLTIMA ROSA DE VERÃO. — Obrigado pelos versos que enviaste. — Esta leitora informa-me de que possui uma grande colecção de letras de canções de filmes. De modo que poderá satisfazer qualquer pedido que lhe façam nesse sentido.

1001 — EXILADO DO MONDEGO. — Nunca me aborreces. A correspondência dos meus leitores é aberta à medida que vai chegando. — Até agora, só conhecemos um único filme intitulado *Balalaika*. E para nos ralar os ouvidos e a paciência, já chega. Há também as bolachas «Balalaika», mas nada tem que ver com o cinema, salvo a homenagem cinematográfica que o título traduz. — Transmiti à Direcção da revista o teu pedido relativo à foto de Ann Gwynn, que me dizes ter «formas esculturais».

1002 — CUPIDO DE SAIAS. — Estou a receber-te, com tôdas as honras... — Nada me consta, quanto ao rumor, que dizes correr, sôbre um possível divórcio da Annabella e do Tyrone Power. É certo que para haver um divórcio, na Cinelândia, basta ter havido antes, um casamento. Mas, por ora, repito, não me consta nada... — Acho o teu pseudónimo verdadeiramente «amoroso».

1003 — CAPITÃO FÚRIA. — *Animatógrafo* é uma revista que interessa a tôda a gente: novos, velhos, crianças e militares sem graduação. Mas haverá alguém que se não interesse pelo cinema? — Que ideia essa do filme falado em esperanto?! Pela minha parte, ponho em dúvida o projecto... — William Haines morreu, há muito, para o cinema. — *O Ditador*, de Chaplin, não será exibido em Portugal e, muito menos, em Espanha!

1004 ROBIN *(Lisboa)*. — Folgo porque te hajas reconciliado com a Lamour. — Espero que tenhas delirado com *Rebecca*, filme superior sob todos os aspectos. Que ideia a tua, de que não havias de gostar... — Êste leitor gostaria de obter a letra da canção *The palms of Paradise*, que Bing Crosby cantava em *Pennies from heaven*.

1005 — I LOVE DEANNA DURBIN *(Pôrto)*. — «Depois de ver *Ninotchka*, dizes tu, todos os outros filmes me parecem banais!» Até certo ponto, tens razão. Mas, por outro lado, a época foi pródiga em te dar emoções

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

semelhantes à daquele filme. Era capaz de te enumerar, se preciso fôsse, dez a quinze filmes, que poderás pôr a par daquele pelo seu valor espectacular e pelo seu interêsse cinematográfico. — Transmito o teu apêlo às leitoras para se corresponderem contigo e saúdo, em teu nome, conforme pedes, *Romeu Cinéfilo*.

1006 — GARY COOPER EM ERMEZINDE *(Pôrto)*. — Registo o agrado que te têm causado os artigos insertos em *Animatógrafo*. — Transmitirei a João Mendes os bons votos pela campanha pro-cinema de amadores.

1007 — FOTOGÉNICA. — Oito vezes desolada com o meu silêncio! Tenho que enviar te um lenço, impregnado do perfume «Resignação» para estancar as lágrimas dos teus lindos olhos. Farei o possível para te dar respostas com uns «centímetros a mais» *(sic)* das que têm aparecido. — A carta que me enviaste foi transmitida oportunamente. Achei graça às considerações que fazes, a propósito. E não resisto a transcrevê-las: «Um leitor formulou o desejo de se cartear comigo, desde que eu fôsse a primeira a escrever-lhe. Não acho muito lógica esta primazia, pois sempre ouvi dizer que é verdadeiro o ditado: quem tem o dente a doer é que deve ir ao dentista»...

1008 — ANTÓNIO J. LOPES FERREIRA *(Serpa)*. — Podemos mandar à cobrança um ou dois números do *Animatógrafo*. Mas não é possível enviá-lo regularmente tôdas as semanas, por êsse processo. De resto ficar-te-ia muito mais caro. Poderás assiná-lo por trimestre. A assinatura por êste lapso de tempo, não chega a custar 20$00!

1009 — GOSTO DE TÔDAS AS MULHERES — Ficas inscrito no número dos meus leitores, consulentes e amigos. — O número de ordem, que te compete é tão elevado que desisto de o escrever. A modéstia impede-me de o fazer. — Êste leitor, cuja homenagem ao belo sexo está expressa, de forma eloquente e sucinta, no seu pseudónimo, desejaria cartear-se com leitoras desta revista.

1010 — SEMPRE AS DUAS *(Lisboa)*. — Tenho a maior alegria em receber-vos nesta secção. Noto que nos vossos gostos, sonhos e aspirações, a despeito de certos antagonismos de personalidade, são duas autênticas irmãs siamesas. — Pelo que me contam, admiram mais os filmes sérios, que os espectáculos de pura distracção e mero entretenimento. Neste Na época que vem, terão muitos filmes nesse género. A seu tempo, revelaremos os nomes. — *Sempre as duas*, saudam, nesta sua primeira aparição, todos os leitores de *Animatógrafo*.

1011 — ESTRÊLA DE ALVA. — Como poderias supor que eu teria por ti qualquer antipatia! Que ideia a tua! A demora é proveniente, apenas, da acumulação de cartas sôbre a minha mesa. Mais de 1.300 cartas esperam respostas, em maços infindáveis. — Êste teu novo pseudónimo parece-me mais inspirado do que outro qualquer. — O Don Ameche também não é, para mim, um actor 100 por cento simpático. Mas reconheço o seu talento. — Esta leitora saúda *Dinhamá, Pinnochio, Garota de Lisboa* e *Donanfer*.

1012 — QUATRO IRMÃOS *(Pôrto)* — Confesso que nenhum dos três pseudónimos que propuseram me pareceu digno do vosso *quator*. *Irmãos Apaixonados* cheira a filme de Bertini. É um título que está fora de moda. *Irmãos Esticadinhos* lembra um grupo recreativo, daqueles que costumam fazer passeios de camioneta, com muitos cestos de farnel e um letreiro desbotado pelo pó das estradas. *Irmãos sedutores* (êsse então bate o «récord»!) dir-se-ia o título duma peça dramática do reportório dos *Reiseiros da Maia*. Prefiro, simplesmente, *Quatro Irmãos* réplica masculina do nome dum filme que nunca esquecerei. — Podem escrever à Madalena Sotto e a Maria Domingas, por intermédio da nossa revista. — Deanna Durbin: Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia.

1013 — LEVADO DA BRECA *(Lisboa)*. — Muito curiosa a tua estatística. Pela minha parte, nunca me sobrou o tempo para proceder a êsses jogos, com números que falam. — Gostaria muito de saber o nome dessa tua amiga, ex-consulente de Bel-Tenebroso, que te deu referências sôbre a minha pessoa. — Dodsworth, em português, chamou-se *Veneno Europeu*. — Quando interpretou o tal pequeno papel no filme a que aludes, Boyer estava longe de ter a celebridade de que disfruta nos tempos que vão correndo. — Ignoro porque motivo é que *Rey... sem trono* escreve «Rey» com «y». Talvez pelo motivo de Rey ser o seu apelido autêntico, como aliás se depreende, ou parece depreender-se, das reticências que lhe sucedem.

1014 — O DIABO BRANCO — «Admirador e leitor», admito que sejas». «Maçador», nunca. De resto seria uma insistência de rima, verdadeiramente censurável. — Prefiro o «Diabo Branco» ao «Fantasma Branco», uma vez que tu queres «qualquer coisa de macabro» *(sic)*. É que o pseudónimo que escolhi me evoca Mosjukine, o Mosjukine de *Kean*, para rimar também. — Noto que gostarias de te cartear com *Benjamina*. Mas segundo ela me comunicou tem escrito tanto, tanto ùltimamente, que não tem tempo sequer para riscar no calendário os dias que vão passando...

1015 — GAROTA ENDIABRADA... MAS ADORÁVEL. — Não ponho em dúvida a afirmação com que subscreveste a tua carta. — Acho que exageras quando me fazes dez preguntas numa carta só. Mas, como a Providência vem sempre em auxílio dos que pecam sem intenção, a maior parte delas perderam a actualidade e é como se não existissem. — O Tino Rossi não morreu, notícia que me é grato dar-ta, uma vez que tinha muita pena de saber que a Mireilles Ballin estava viuva. — A Shirley continuará a filmar, mas deixará a mania de nos querer convencer que tem apenas oito anos. Qualquer dia segue a pisadas da Deanna e da Judy Garland e casa! — A Glória Jean tem doze anos. — E não desanimes com a demora das respostas.

1016 — TUDO ME ATRAI PARA TI. — A princípio fiquei assustado com a perspectiva de ter propriedades magnéticas. Via-me na situação do cão Pluto, naquele filme em que enguliu o «iman»... Depois fiquei mais tranquilo quando soube que o «iman», ou o «Ti» é outro, a quem tu dedicas o pseudónimo, como se fôsse uma serenata, à Tino Rossi... — Terei o maior prazer em te atender quantas vezes quiseres.

1017 — CONDE DE MONTE CRISTO *(Espinho)*. — Ginger Rogers nasceu a 16 de Julho de 1911; Gloria Jean, a 4 de Abril de 1928. — Como sabes não é permitido fazer mais do que três preguntas em cada carta. — Diligenciaremos fazer-te a vontade, no que diz respeito às canções.

1018 — INCÓGNITO MISTERIOSO *(Leiria)*. — O teu pseudónimo lembra o nome do capítulo dum romance de Louis Feuillade. — *A Grande Parada* é um filme de 1928. Os principais intérpretes foram John Gilbert e René Adorée. — Deixa a história da linda Inês, tal como ela, «posta em sossêgo». Por agora, o cinema português não está à altura de evocar o seu maravilhoso «rimance».

1019 — FAITHFUL FOREVER. — *(Pôrto)*. — Compreendo perfeitamente o teu entusiasmo pelo cinema de amadores, escola de cineastas e espelho de artista. Conhecia de nome o vosso clube. E, como tu, acho que mais vale poucos sócios mas animados do desejo de fazer qualquer coisa, do que muitos e inactivos. — Não posso considerar a *Grande Valsa* como um dos melhores filmes de 1940. *Adeus Mr. Chips* e *Homens de Amanhã* são dois belos filmes. Mas que dizer a *Monte dos Vendavais, Ninotchka, Pinnochio* e outros que foram estreados no ano de 1940, de boa memória cinematográfica?!

1020 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)*. — A tal pitonisa enganou-se redondamente com respeito a 1941. 1.°) Afirmou que o Gable sucumbiria num desastre logo no princípio do ano. E o Gable está bom e recomenda-se! Declarou que a Deanna só se casaria em 1943 e ela em 1943 já poderia ter pelo menos um menino, dada a hipótese de que não tenha cinco, porque é canadiana e as gémeas de Dionne canadianas são... Quanto à Paulette Godard disse «que ela tinha mudança escrita no céu», que é uma boa forma de não dizer asneiras. — Transmito as tuas saudações a *ZULEIKO*, teu conterrâneo

Bel-Tenebroso

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — Herbert Wilcox.
2 — «O Turbilhão da Dança».
3 — «A bruxa da Floresta» (Estreado no S. Luiz a 20 de Junho de 1932, no programa de «O Testamento do Dr. Mabuse»).
4 — «Ouve o meu coração».
5 — «Rasputine e a imperatriz».
6 — «A Divorciada».
7 — «Rua 42».
8 — Gary Cooper.
9 — «O Tigre dos Mares».
10 — Edward S. Robinson.
11 — Frank Lloyd.
12 — «Catarina da Rússia».

NOVAS CARAS DO CINEMA ALEMÃO



HILDE KRAHL



HILDE SCHNEIDER



RUTH BUCHARDT



DORIT KREYSLER

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ROBERT CUMMINGS, o esplêndido galã que vimos ainda não há muito tempo, foi recentemente contratado pela FOX

ÉSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: TYRONE POWER